

## A SAGA DO MIGRANTE NORDESTINO EM SÃO PAULO

### THE SAGA OF A NORTHEASTERN BRAZILIAN IMMIGRANT IN SÃO PAULO

Edson Bastos Marinelli

**RESUMO:** O presente artigo baseou-se na dissertação de mestrado: Um migrante nordestino em São Paulo: o violeiro que se apropriou da cidade. Busca compreender as razões que um migrante nordestino atribui à sua permanência na cidade de São Paulo, seus problemas de adaptação social, seu desraizamento e o impacto da nova cultura dominante sobre si. Para isso, foi analisada a migração interna do povo nordestino rumo ao sudeste, assim como os motivos para esses deslocamentos. As políticas públicas pouco eficazes para a região nordeste acabam por favorecer a migração. Expulsa o nativo e o transforma em migrante que, ao chegar ao seu destino, sofre para fixar residência, concluir ou iniciar seus estudos, conseguir trabalho, além do sofrimento psicológico ao ser estigmatizado pelos residentes no sudeste. As escolhas que o migrante faz após sua chegada, sua adaptação em São Paulo e as diferentes manifestações da cultura nordestina que traz consigo, podem significar um possível movimento emancipatório pessoal. Para compreender este fenômeno, foi realizada uma pesquisa qualitativa, através da análise de conteúdo da história de vida de um participante de nome José, com 58 anos de idade, com ensino fundamental incompleto, casado, com a profissão de cantor de Repente e residente há trinta anos em São Paulo, vindo do interior do estado da Paraíba. Compreender uma história, através de uma narrativa, pode ser considerado como uma construção de sentido realizada por ambos – pesquisador e participante. Um traço marcante que faz de José uma pessoa emblemática, está no fato de que, além de ter um emprego regular e ter lançado CDs, ainda mantém contato com sua terra natal, através da mídia, enviando gravações para as rádios da Paraíba, dos programas de entrevistas que faz em São Paulo, abastecendo de informações o povo daquela região. Com tudo isso, criou para si e seus familiares melhores condições de vida.

**ABSTRACT:** *The present work is based on the results of a Master's thesis entitled "A northeastern brazilian immigrant in São Paulo? A guitar player that took hold of the city", which attempts to understand the reasons which a northeastern immigrant attributes to his permanent residency in the city of São Paulo, his social adaptation difficulties, his de-rooting and the impact of a new and prevailing culture upon himself. To achieve this goal, the internal migration of the northeasterners towards Southeastern Brazil was analyzed, as were the reasons for their migration patterns. The poorly effective public policies for the northeastern region by federal and state governments end up favoring the migration process for they drive the native inhabitants away. These men, women and children become migrants, who, when reaching their destiny, struggle to get a home, find work, a process that causes them to undergo psychological strain as they become stigmatized by their southerner countrymen. The choices such migrants have to make after their arrival, their adaptation to Sao Paulo and the different customs of the northeastern culture brought along may entail an eventual personal emancipation movement. In order to understand such a phenomenon, a qualitative survey was performed through the analysis of the life history of a 58 year old married migrant*

*named José, who had not finished junior high school education, and who is a professional singer of impromptu songs, locally called "De Repente". Jose was born in the State of Paraíba and had been living in São Paulo for thirty years. Understanding a life history through a narrative can be regarded as a building of consciousness carried out by both the researcher and the interviewee. A striking trait that makes José an emblematic person lies in the fact that, besides having a steady job and having recorded CDs in the Southeast, he is still bound to his homeland through the media, by sending to the radio stations of Paraíba all the recordings of the programs in São Paulo, where he was interviewed, thus providing information of this career to the people of his native region. All in all, he managed to succeed and to give to himself and to his whole family better life conditions.*

**Palavras-chave:** Migrante. Identidade. Sentido. Estigma.

**Keywords:** Migrant. Identity. Consciousness. Stigma.

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa sofreu forte influência de minha trajetória profissional. Desde o início, na década de 1970, venho atuando em educação corporativa e gestão de pessoas em organizações nacionais e estrangeiras de grande porte. Isso me propiciou manter contato com o povo nordestino, seja em sua terra natal ou no Sudeste.

Compreender as razões que um migrante nordestino atribui à sua permanência na cidade de São Paulo, assim como os motivos para o retorno ao seu estado de origem tornaram-se um enigma que eu precisava compreender. Estava convencido, antes de iniciar o presente trabalho, de que as condições de vida num grande centro, como São Paulo, não eram melhores que as encontradas em outras regiões do País. Não se trata de adaptar uma psicologia para os pobres; ao contrário, torna-se imperativo gerar e difundir ações sociais capazes de acolher e incluir, ao invés de práticas elitistas de exclusão. Assim, pesquisar o migrante nordestino significa estar efetivamente comprometido com a realidade social dessa população na busca por melhores condições de vida.

Para tanto, a presente pesquisa buscou se referenciar naqueles que deixam seus domínios

e partem vacilantes ou decididos, conscientes ou não, para uma terra desconhecida em busca de uma vida melhor.

Com esta pesquisa ofereço minha contribuição à comunidade científica, abraçando um tema já bem explorado que se refere a um personagem específico: o nordestino que migra para a capital paulista. Visa também analisar e avaliar seus problemas de adaptação social, seu desraizamento e o impacto que causa sobre ele a nova cultura dominante.

## MIGRAÇÃO

Desde o início, a migração deixou feridas e rastros profundos na história do Brasil, até mesmo pela exploração e segregação dos que detêm o poder sobre aqueles que aqui chegavam, vindos de diferentes regiões.

Silva (1988) conta que, com o início da colonização, os índios fugiram do litoral, seu *habitat* natural, para o interior dos Estados; os capturados eram forçados a trabalhar nas plantações na região amazônica. A colonização significou para eles o início de um período de sofrimento, escravidão e morte. Depois foram os africanos escravizados aos milhões. Os que fugiam se dirigiam para o interior e se organizavam nos quilombos. Com o fim do tráfico negreiro em 1850, os fazendeiros



passaram a usar mão-de-obra chinesa, através de um início de imigração para o Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro. Foram pouco mais de 2 mil chineses que desembarcaram entre 1854 e 1856. Os imigrantes europeus vieram mais tarde, como trabalhadores livres, após a Abolição. Destacam-se os italianos que, no final do século XIX, somaram mais de 1,2 milhão de imigrantes chegando a São Paulo. Não raro se via a intervenção da força pública a fim de dirimir conflitos entre fazendeiros e imigrantes estrangeiros devido ao choque cultural e social.

Gonçalves e Menezes (1986) consideram que os europeus, embora livres, eram também novos escravos na lavoura, embora de uma forma velada, e mais tarde se constituiriam na poderosa alavanca da indústria nascente.

O novo ciclo econômico, a industrialização, inaugura uma mudança no perfil das pessoas que se deslocam para o Sudeste, e a migração interna se intensifica, passando a representar um maior volume de pessoas saindo do campo para a cidade, do que aquele até então envolvendo imigrantes estrangeiros.

### **MIGRAÇÃO NORDESTINA**

A migração interna registra acontecimentos importantes, como o ciclo da borracha, que favoreceu inicialmente o deslocamento de mais de 500 mil nordestinos para a Amazônia. Mais adiante, por volta de 1901, Bosco e Jordão Netto (1967) apontam a chegada dos primeiros nordestinos para o Estado de São Paulo, com 1.434 migrantes. Afirmam que, somente a partir de 1930, São Paulo e Rio de Janeiro, eixo industrial brasileiro, receberam a grande massa de nordestinos oriundos dos longínquos recônditos, fugindo da seca e/ou motivados pelo alcance de uma vida melhor, vindos principalmente dos Estado da Bahia, seguido por Pernambuco, Alagoas, Ceará, Sergipe e Paraíba, fenômeno que ocorre até os dias de hoje. Sobral (1993) afirma que houve uma intensificação da migração dos nordestinos para São Paulo a partir de 1940.

De acordo com estudos realizados na segunda metade da década de 1980 pelo CEM – Centro de Estudos Migratórios (1993), com sede em São Paulo, uma das razões do êxodo para as grandes metrópoles foi a impossibilidade de sobrevivência no campo, pela falta de investimento na agricultura. Essa, cada vez mais voltada para as exportações, fez com que os pequenos produtores ficassem no abandono e engrossassem a fileira dos miseráveis, “bóias-frias”, diaristas e clandestinos.

Ao remetermos para o final do século XIX, quando o êxodo rural nordestino teve início, encontramos uma questão que pode ter sido decisiva para o deslocamento rural de uma população sertaneja em especial. Durham (1984) nos mostra que no ano de 1877, com a grande seca no Ceará, a prática comum até então, em que os proprietários cediam terras para que os camponeses permanecessem pelo tempo da seca e retornassem depois às suas terras, deixou de existir. Transformações políticas, econômicas e sociais fizeram com que os fazendeiros fechassem suas propriedades para os camponeses em razão da Lei de Terras de 1850, que conferiu ao solo um valor monetário muito alto, e a terra foi ocupada por plantações de algodão que visavam principalmente o mercado externo, incrementando a produção em razão da Guerra Civil americana. Assim, Fortaleza foi invadida por retirantes esfomeados, que somavam cerca de 100 mil pessoas, enquanto a capital cearense não tinha mais que 27 mil habitantes.

Ainda segundo Durham, a vida urbana de Fortaleza mudou da noite para o dia: roubos, prostituição, suicídios, assassinatos, mendicância e um dado estarrecedor – a epidemia de varíola, cuja conseqüência foi a morte de cerca de mil pessoas num único dia.

Seguiram-se outros períodos de seca e o mesmo fenômeno aconteceu, até que autoridades locais construíram inicialmente o que denominaram de Campo de Concentração nas imediações da cidade, sem alcançar êxito em seus propósitos. Em face de tal insucesso, refletiram que se os campos de concentração estivessem



mais próximos às cidades vizinhas manteriam os “invasores” distantes da capital, porém, mesmo assim, as epidemias se multiplicaram e aumentou o índice de mortalidade por diferentes causas.

Os grandes acontecimentos mundiais da história recente na primeira metade do século XX, como a Primeira e, principalmente, a Segunda Grande Guerra, a depressão econômica americana no final dos anos 20 e os movimentos socialistas e comunistas, parecem não ter influenciado no deslocamento de pessoas, seja no aumento ou na diminuição do êxodo rural (PAIVA, 2000). Isso pode ser notado pelo volume crescente de famílias que desembarcavam nas Regiões Sudeste e Sul. Todavia é importante salientar que o impulso à industrialização em São Paulo, no final dos anos 20, pode não ter sido um dos fatores responsáveis pelo êxodo rural, mas pelo estímulo à vinda de trabalhadores de todo o País.

Os nordestinos recém-chegados possuíam índices baixíssimos de educação formal, já que as zonas rurais eram distantes dos centros onde havia alguma escola, mantendo elevadas as taxas de analfabetismo. Esse foi o perfil da maioria dos que decidiram tentar a sorte em São Paulo.

Saindo do sertão, os nordestinos seguem três possíveis caminhos antes de vir para o Sudeste, segundo nos mostra Weffort (1988). Um deles é a migração para as capitais do Estado de origem, fato que contribuiu para agravar as condições internas de infra-estrutura, como fornecimento de água, iluminação, transporte, educação, saúde e abastecimento, provocando o fenômeno da “periferização”, ou seja, crescimento maior dos municípios em torno da capital do que a própria capital; outro caminho foi em direção à Zona da Mata, os chamados “corumbás”, aqueles trabalhadores que partiam para as moagens nas usinas da cana-de-açúcar e que voltavam às suas terras depois da safra; e o terceiro refletiu-se no deslocamento para as cidades importantes de seu Estado, que proporcionam melhores condições de sobrevivência, como Caruaru (PE), Campina Grande (PB), Sobral (CE), Feira de Santana (BA), etc.

Nas décadas de 30 e 40, os nordestinos dirigiram-se para o interior do Estado de São

Paulo para trabalhar na lavoura e, somente a partir de 1950, o fluxo migratório voltou-se em direção à região metropolitana de São Paulo. De início, vinha o filho mais velho, conduta não aceita pelos pais, que entendiam que estavam sendo abandonados à sua sorte, e que a desgraça recaía sobre a família; contudo, com o passar do tempo, isso foi se tornando normal e até desejado, pois se o filho alcançasse relativo sucesso, os demais membros poderiam vir em seguida.

Ao voltar-se à história da invasão em Fortaleza pelos moradores do sertão cearense, comparando com a imensidão urbana da capital paulista e o interior do Estado, constata-se que o fenômeno em si é o mesmo, com a diferença de que em São Paulo existe maior espaço para diluir a concentração das famílias, refletindo principalmente no crescimento acentuado das periferias urbanas.

As razões que movimentam pessoas em busca de uma vida melhor, para si e os seus, levam a mudanças por vezes radicais, trazendo a incerteza dos resultados das atitudes e condutas, principalmente quando não há o mínimo de planejamento. Daí o dilema do nordestino: ou fica em sua terra esperando ser reconhecido como agricultor ou assalariado ou sai do sertão carregando o saco de “coisas”, usando como cadeado um nó e parte em busca do Eldorado. Quando quebra as amarras iniciadas por seus antepassados, inicia também um movimento, com a intenção de se emancipar, e, com isso, muda a si mesmo e passa a ter novos referenciais em suas intenções quanto à busca de melhora de vida, transformando assim seus paradigmas pessoais.

A pesquisa, de orçamentos familiares, realizada no ano de 2002 pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é de relevante importância para análise posterior dos motivos do êxodo rural nordestino.

Em 37% dos domicílios nordestinos, a renda per capita é de até meio salário-mínimo. Apenas a metade dos domicílios urbanos possui acesso à rede geral de esgoto ou fossa séptica. Revela ainda que 35% das 27,3 milhões de famílias com

pelo menos uma criança de até 14 anos de idade tinham rendimento per capita de meio salário-mínimo. O Estado mais afetado é o Maranhão, com 61,6%. Os dados também revelam índices altos de gravidez na adolescência, uma vez que entre as jovens de 15 a 17 anos, a proporção de mulheres com pelo menos um filho em Fortaleza era de 9,3%, crescendo também em outros Estados. Em relação à contribuição previdenciária, somente 27,7% dos nordestinos são considerados ocupados, apresentando a menor taxa de emprego do Brasil, contra os 56,7% do Sudeste. Quanto à expectativa de vida para ambos os sexos, no Nordeste os homens vivem em média até os 63 anos e as mulheres, até os 69,2 anos e, curiosamente, mesmo com expectativa de vida menor que as de outras regiões, vivem mais que os homens, em comparação com a Região Sudeste, cuja expectativa de vida dos homens atinge 65,3 anos. A mortalidade infantil torna-se mais difícil de ser medida em vista dos dados sofrerem influência do sub-registro.

Os dados acima são estarrecedores, e causa estranheza o fato de ocorrerem em pleno século XXI, num país em desenvolvimento e com tantas mazelas claramente denunciadas numa região das mais importantes, com seu povo cada vez mais sofrido e carente de tudo, principalmente de informação.

O SEADE – Fundação Sistema Nacional de Análise de Dados realizou um trabalho sobre a Atividade Econômica Paulista em 2005, em que procura descrever o município de São Paulo, além de agregar um conjunto de dados e indicadores socioeconômicos. Nota-se, em relação ao migrante, que o percentual é de 5% do total da população da cidade de São Paulo; número expressivo de pessoas que vêm na capital paulista uma resposta às suas angústias.

A mesma pesquisa aponta para uma população, em 2004, de 10.679.760 pessoas, sendo 48% homens e 52% mulheres. Desse total, 533.446 moradores são os migrantes vindos de todas as regiões do País. Foram consideradas migrantes as pessoas com mais de 5 anos de idade.

## POLÍTICAS PARA A REGIÃO NORDESTE

Andrade (1993) afirma que, entre o final da década de 1790 até 1940, a preocupação na Região Nordeste era com o abastecimento dos recursos hidráulicos devido às constantes secas e, para isso, foram construídos açudes e barragens, visando à sobrevivência dos habitantes e rebanhos. Foi então criada em 1948 a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), provendo à região de toda a energia necessária. Contudo, outros períodos de seca abalaram a política vigente e, em 1952, foi criado o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) para atuar no polígono das secas. Com o passar dos anos, a economia sofreu alterações estruturais e o governo federal, através do Conselho Nacional de Economia, criou em 1956 o GTDN – Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, a fim de propor uma nova política de desenvolvimento para a região. Os resultados dos estudos levaram à conclusão de que, entre os problemas existentes, deveria ter prioridade de solução o da desigualdade regional, sendo criada a Sudene – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, no ano de 1959, cuja missão era a de coordenar os projetos de industrialização da região, além de promover a política de reforma agrária.

A Sudene foi extinta pela Medida Provisória n.º 2.145, de 02.05.01, e o governo federal propôs então profundas transformações na política regional, já que o modelo estava superado e desatualizado, não atendendo às necessidades atuais de contribuição para a redução das disparidades socioeconômicas do País (ANDRADE, 1993). Em 28 de julho de 2005, foi recriada a Sudene através de projeto de lei complementar sancionado pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em solenidade na sede do Banco do Nordeste do Brasil.

Alexandre Pereira, presidente do Centro Industrial do Ceará, vê com ceticismo a recriação da Sudene, entendendo que após um ano decorrido tudo não passou de protocolo de intenção. A proposta inicial de combater as mazelas das diferenças regionais não saiu do

papel. Afirma que o dinheiro que financiaria empresas, empregos e renda foi parar no caixa dos governos estaduais como compensação por perdas de incentivos fiscais, ou seja, irá financiar a folha de pagamento dos Estados (A SUDENE E O DRAGÃO, 2006).

O então vice-governador do Ceará, Francisco de Queiroz Maia, aponta que, decorrido quase um século e meio de atraso socioeconômico do Nordeste em relação ao Sudeste, a situação de pobreza continua, sendo que o Nordeste concentra cerca de 30% da população brasileira, mas detém apenas 13% da riqueza nacional. Ressalta a importância das lideranças regionais para a solução do problema de maneira mais ativa e não de maneira provinciana. Acredita que a atual postura dos políticos fará com que não exista projeto de desenvolvimento regional sério dentro do Plano Plurianual, em Lei de Diretrizes Orçamentárias e no Orçamento da União. Sem recursos assegurados, projetos não passam de promessas vagas. Diz que não haverá investimentos sem que haja iniciativas, apesar de a região ter grande potencial econômico nos setores da lavoura de grãos, da cana-de-açúcar e do cultivo de oleaginosas para produção de combustíveis, turismo, etc. (UMA NOVA ABORDAGEM PARA O NORDESTE, 2006).

Coelho Neto (2006), em artigo publicado sobre a irrigação pública desenvolvida no Nordeste, revela que os entendimentos entre os políticos dessa região, em busca de soluções viáveis para a política de irrigação, assumem posicionamentos contrários, às vezes se complementando – por um lado, expressam riqueza e diversidade de análises, por outro, seus interesses e posicionamentos ideológicos. Na perspectiva atual, a irrigação pública é interpretada pelo autor como um conjunto de políticas estatais, orientadas para a legitimação recíproca dos poderes central e local, sem apresentar resultados efetivos para a transformação da estrutura política e social arcaica, dificultando o acesso à terra, e reproduz relações de trabalho exploratórias, elevando os níveis de analfabetismo e desemprego. Revela ainda que o debate sobre o fenômeno das secas

assumiu durante muito tempo uma posição explicativa de aceitação comum e inabalável questionamento sobre a realidade do atraso nordestino, através do poder oligárquico e coronelístico das elites regionais.

Durante mais de duas centenas de anos, autoridades, empresários e políticos, como vimos, abraçam planos e programas de alcance nacional, visando à solução de um dos maiores problemas que afetam o desenvolvimento do Nordeste e favorecem a expulsão do nordestino, a seca, e, pelo que se nota, está longe de obter resultados que venham a trazer paz para o povo, fixando-o em suas terras.

## CONDIÇÕES DO NORDESTINO EM SÃO PAULO

### Moradia

A partir de depoimentos cedidos, Oliveira (1987) relata as principais dificuldades que os nordestinos tiveram para se fixar em São Paulo. Através de um modesto emprego, eles iniciavam a construção de suas casas, em mutirão, num terreno que financiavam em longo prazo, junto à periferia da cidade. Isso no passado, porque hoje as condições são piores do que há vinte anos. Antigamente, o aluguel era trampolim para casa própria. Hoje, devido às condições de vida e a falta de emprego, fatores que intensificam a pobreza, o aluguel deixa de ser a esperança de uma melhor moradia, para representar um peso demasiado grande a ser pago numa casa modesta, cuja tendência é a reversão para uma favela ou um cortiço.

Isso fez com que bairros fossem se desenvolvendo e municípios sendo criados e, cada vez mais, o trabalhador se afastasse do local de trabalho à procura de um lugar mais barato para morar. Com o crescimento urbano na periferia, novos empregos foram surgindo e fixando o homem em algumas regiões consagradas da cidade, destacando-se as zonas Leste e Sul, nos bairros de São Miguel Paulista e Santo Amaro, respectivamente.



## Lazer

Para uma adaptação mais rápida do migrante fora de suas terras, o papel da família, dos amigos, dos vizinhos ou dos conterrâneos é fundamental, inclusive para localizá-lo em relação principais pontos de referência da cidade, como transportes, hospitais, comércios, centros de convivência, etc. Em São Paulo, a Praça da Sé representa, por ser o marco zero da cidade, uma região de encontro aos domingos e lá ocorrem todos os tipos de manifestações culturais nordestinas. Sua catedral foi inaugurada em 1954, ano do quarto centenário da cidade. Segundo Braga (2000), com a inauguração do metrô em 1974, a praça foi totalmente remodelada, sendo hoje uma referência para migrantes como ponto turístico.

Baptista (1999) revela um espaço destinado exclusivamente ao público nordestino, ainda que freqüentado por paulistanos e público diverso, o CTN – Centro de Tradições Nordestinas. Fundado em novembro de 1991, está situado no Bairro do Limão, em uma área de 25 mil metros quadrados, proporcionando momentos de diversão, relacionamentos e resgate de valores entre seus freqüentadores.

A Pastoral dos Migrantes incentiva encontros dessa parcela da população com membros das dioceses, sindicatos e demais entidades das regiões de origem. Atualmente, eles ocorrem todos os anos com grupos de migrantes e, a cada ano, uma região do Nordeste é escolhida para o encontro. Têm como missão a valorização de cada grupo, sua cultura, interesses e necessidades.

### Retorno às origens?

É grande o número de pessoas que diariamente chegam a São Paulo, tendo como origem cidades dos Estados do Nordeste. Entretanto, o sonho de uma vida melhor, que trazem ao chegar na grande metrópole, pode não se tornar realidade. Muitos insistem e não querem voltar com a sensação de derrota; outros preferem aceitar que aqui vivem melhor que lá, e há aqueles que acreditam que podem vencer e se preparam para isso.

Em minha experiência profissional, deparei-me com diferentes situações de migrantes nordestinos que, ao permanecerem em São Paulo, dois, três, dez anos, pensam um dia visitar seus parentes, mas não sabem quando e como. Visitar ou retornar em definitivo? Voltar como vitorioso ou fracassado? Aquele que está radicado há mais tempo, digamos mais de três anos, pode ou não ter conseguido uma situação econômico/financeira que lhe proporcione a opção de ir visitar os familiares. Caso não tenha juntado dinheiro suficiente, esteja trabalhando, mas sem as condições mínimas para viajar, pode, mesmo assim, preferir arriscar perder o emprego, somente para satisfazer seu desejo de rever seus entes. Sobre isso Weffort (1988, p. 22) diz: “para um imigrante pobre, viver só para trabalhar significa quase o mesmo que viver só para ser explorado”.

Dados recentes revelam o processo inverso em relação à chegada de migrantes em São Paulo. De acordo com pesquisa do Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2006), mais nordestinos deixam São Paulo em relação aos que aqui chegam, o que não era comum até os anos 1990. Os números da pesquisa mostram que, nos últimos cinco anos, cerca de 457 mil pessoas retornaram ao nordeste contra cerca de 400 mil entradas. Revela ainda alguns dos motivos para essa “migração de retorno”, entre eles a baixa escolaridade e o desemprego. Mesmo conseguindo emprego, normalmente os nordestinos preenchem vagas recebendo baixo salário, seja em construção civil ou serviços domésticos. Destes, 67% ganham até 1 salário-mínimo. A maioria dos que retornam têm até 45 anos.

Assim, o deslocamento de pessoas para as grandes cidades, ao mesmo tempo em que trouxe progresso ao País, pode ter contribuído para o aumento de miséria para esses trabalhadores, visto que, ao partir de suas terras, o nordestino traz consigo a esperança de melhores dias e, uma vez em São Paulo, sua missão de encontrar condições dignas de trabalho e de vida torna-se muito difícil. Aos poucos, o que se entende é que existe, naturalmente, um movimento de atração e



outro de repulsão, visto que o elemento positivo e de possibilidades que existem nos grandes centros pode atrair o nordestino, mas talvez esse nem seja o mais importante fator para o abandono da terra, já que como visto antes, o próprio Estado de origem “expulsa” os seus, ou seja, um é consequência do outro.

O sujeito vai em busca de um sonho, algo possível de ser realizado e, através desse movimento, o qual imagina ser emancipatório, ele pode mudar toda a história de sua vida e da família, num processo inconsciente de desconstrução e reconstrução da identidade.

### Estigma

Entendo o estigma como uma marca diferenciadora, visível ou não, que não se pode apagar facilmente. Tal marca constitui-se numa representação social que gera um sentimento de rejeição em relação a quem a apresenta, decorrente de visões estereotipadas e preconceituosas em relação ao indivíduo.

As “marcas” quando visíveis são difíceis de ser escondidas pelo possuidor e ficam à mercê das observações convencionais dos outros, conforme o significado negativo atribuído já consagrado, podendo ser sinais de nascença ou adquiridos, de raça, etnia, credo, classe social ou opção sexual manifestados. Algumas características físicas, como aquelas que podem ser escondidas com roupas, e outras de caráter psicológico, como sentimentos de inferioridade, ou qualquer outro associado à desqualificação, podem ser invisíveis para o outro. Porém, apesar disso, causam grande sofrimento ao indivíduo.

As imagens gratuitas atribuídas às pessoas tornam-se estereótipos. Para Goffman (1988), o termo estigma será usado em referência a um atributo, mas este, dependendo da relação e da situação em que for empregado, pode estigmatizar alguém. No caso do nordestino, ser chamado de “baiano”, quando não o é, pode causar nele um sentimento depreciativo, diferenciando-o dos outros de sua classe.

Pode-se criar rótulos, geralmente degradantes, para pessoas ou grupos, sem que se tenham informações suficientes a respeito deles. Vejamos como exemplo, no caso dos nordestinos, quando são impedidos de frequentar restaurantes e casas de show; quando sofrem tratamento diferenciado em recepção de clínicas e empresas; quando são negligenciados perante pessoas do Sul e Sudeste; quando são rotulados como camelôs, vadios, doentes, cheios de filhos atacados de verminose, ignorantes, atrasados ou quando se tem a crença de que só podem cursar o ensino fundamental, cristalizando uma identidade.

O processo de interiorização ocorre quando as pessoas compreendem os processos subjetivos momentâneos do outro e o mundo em que ambos vivem. Com isso, os aspectos subjetivos do outro, que são objetivamente atribuídos, passam a se reproduzir socialmente. Tais representações ou atributos podem ter um caráter positivo ou negativo.

Para Berger e Luckmann (1985 p. 87), “o homem e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. O produto reage sobre o produtor. A exteriorização e a objetivação são momentos de um processo dialético contínuo”. Os autores entendem que o processo de exteriorização das subjetividades individuais no mundo social permite conceber a sociedade como um produto humano. Concomitantemente a esse processo, no processo de objetivação as expressões subjetivas dos indivíduos se concretizam no mundo social, principalmente nas práticas lingüísticas, o que faz com que a sociedade seja também uma realidade objetiva.

Por sua vez, os indivíduos interiorizam as representações sociais objetivadas, de tal forma que podemos conceber que a subjetividade é um produto social. Esses processos devem ser considerados em conjunto, pois fazem parte do mesmo processo dialético de construção social da realidade.

Assim, os atributos negativos associados a um grupo, como no caso do nordestino, e veiculados às práticas sociais, são interiorizados





pelos indivíduos, que, a partir desses atributos interiorizados, passam a desenvolver atitudes de rejeição em relação a esse grupo, expressões objetivas do preconceito que desenvolveram. Assim, tanto o mundo social marca o indivíduo em relação ao preconceito, como o indivíduo, através de suas ações concretas, “alimenta” os atributos negativos que alimentam o preconceito no mundo social. Há, assim, uma constante retroalimentação do preconceito decorrente da estigmatização do grupo, tornando-se esta institucionalizada, conforme apontam Berger e Luckmann (1985).

Outro exemplo de estigmatização que favorece a exclusão social é demonstrado no acúmulo de vezes que alguém é chamado por apelidos ou adjetivos de conotação negativa. Tal processo poderá levar o indivíduo a tomar para si mesmo a característica de ser uma “coisa”, pelo processo de interiorização, e sofrer a conseqüente perda da auto-estima. Essa interiorização tende a fazer com que o nordestino tenha uma imagem estereotipada de si mesmo, a qual reforça sentimentos de inferioridade.

## **SAGA PROFISSIONAL**

### **Peregrinação Psicossocial**

Ao se instalar em São Paulo, normalmente em bairros distantes e periféricos e até em favelas, o nordestino precisa encontrar meios de sobrevivência, se não apenas para si, também para a família. Como fazê-lo com certa propriedade se ele nunca antes sequer pôs os pés fora de seu sertão, de suas terras? Quando seu conhecimento está abaixo do exigido e daquele praticado nas organizações, ele se submete, se consegue ingressar na economia formal, a diferentes trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação. Não raro nos deparamos com o migrante trabalhando em feiras nordestinas, como ambulantes e comerciantes de mercadorias de origem duvidosa.

Dessa forma, o nordestino migrante, em busca de sua emancipação e de um sentido que

orienta sua vida, tem o trabalho como meta, ou seja, a busca por uma colocação torna-se seu objetivo principal, o que será decisivo para mantê-lo em São Paulo ou fazê-lo retornar a seu Estado de origem.

Berger e Luckmann (2004) discutem que esse sentido é uma forma complexa de consciência, afirmando que ele não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Assim, podemos entender que um importante objeto de referência para o nordestino migrante é o trabalho, e este passa a ser uma das principais atividades a atribuir sentido a sua vida e a lhe possibilitar algum grau de emancipação.

O nordestino em sua terra tinha o domínio das técnicas do plantio e da colheita do produto agrícola e era considerado “inteligente” e capaz de reorientar seu trabalho em função do tempo e época. Já em São Paulo, é uma pessoa muitas vezes considerada, em função do preconceito desenvolvido, “ignorante” para funções mais bem remuneradas, submetendo-se a trabalhos como servente, faxineiro, ascensorista, ajudante-geral e outras inúmeras tarefas para as quais terá de obter novas competências.

O migrante, ao encontrar seu espaço junto dos colegas de trabalho, estará se adaptando mais solidamente, e essas transformações em sua percepção poderão lhe trazer um aumento progressivo de auto-estima; mais conhecimento adquirido; e a conseqüente segurança para expor idéias em processos nos quais está envolvido, refletindo-se na melhoria das relações sociais em diferentes situações fora do trabalho – com a família, amigos – e, aos poucos, encontrando e delimitando um espaço social em que ele se sente aceito. Berger e Luckmann (2004), referindo-se ao agir social, ensinam que a vida cotidiana está repleta de múltiplos sucessos e que a identidade pessoal é formada nesse movimento.

Viver socialmente implica um suceder de momentos bons e ruins. Refletir e aprender com essas experiências talvez sejam maneiras inteligentes de alcançar o sucesso.

Desse modo, vejo que a realidade com que o migrante nordestino se depara fará parte



de seu cotidiano e poderá levá-lo a outras conquistas de fundo emancipatório, assim que passe a compreender e considerar esse caminhar em busca de novas possibilidades pessoais e profissionais.

## IDENTIDADES EM MOVIMENTO

Diferentes motivos impulsionam o ser humano na busca da realização de seus objetivos nos mais variados níveis de aspirações, sejam eles pessoais ou profissionais. Entre esses desejos, alguns são deixados de lado efetiva ou temporariamente, para dar lugar aos que se mostrem prioritários naquele momento. A cada nova escolha, surge uma porta a ser aberta e a conseqüente caminhada rumo ao objetivo, sem que se tenha certeza dos resultados. Porém, a determinação e o grau de comprometimento com as metas estabelecidas levam a pequenos saltos quantitativos e ao amadurecimento cada vez maior do indivíduo.

Essa metamorfose constante que o acompanha na busca de uma pretensa emancipação não completa o ciclo, visto que outros objetivos surgirão e novos movimentos emancipatórios emergirão das histórias de vida das pessoas.

As experiências adquiridas vão criando sentidos para o indivíduo, sendo por ele apropriadas, incorporadas, reafirmando sua identidade de forma singular, obtendo o reconhecimento social na interação com o meio em que vive. Nessa rede de relacionamentos interpessoais, o indivíduo é exposto ao outro na medida de seu envolvimento e isso pode moldar sua atual identidade. Com o tempo, essa identidade tende a se reformular através de um processo de individualização, criando uma maior independência dos sistemas sociais, conquistando mais liberdade em seu espaço de vida.

Para Berger e Luckmann (1985), a identidade é formada por processos sociais, que, quando cristalizada, é mantida, modificada e até remodelada pelas relações sociais e trata-se de um fenômeno derivado da dialética entre o

indivíduo e a sociedade, em que o homem produz a realidade e com isso produz a si mesmo.

Quando nos referimos à identidade coletiva desejamos focalizar o grupo representativo no qual o nordestino está inserido, objeto de nosso estudo, descartando a população como um todo.

Tanto a identidade individual como a coletiva são, portanto, construções do homem considerado como produto social de sua interação com seu meio, o qual busca, através de metamorfoses, sua emancipação. A decisão individual, uma vez tomada, resultará em ação também individual, mas que irá ao mesmo tempo fazer parte de um processo dinâmico cuja experiência vivida se constituirá socialmente, ou seja, as escolhas pessoais influem e modificam o meio social. Desse modo, utilizarei a definição daqui por diante simplesmente como identidade, já que ambas são sociais.

Atualmente, vivemos numa sociedade plural, em que é difícil fazer previsões futuras, e num tempo em que as mudanças ocorrem com muita rapidez, cabendo ao ser humano se adaptar a elas. Se no passado era mais fácil planejar a vida, fazer uma carreira, saber com quem casar, hoje, por outro lado, existem mais opções de escolhas em todos os campos e, paradoxalmente, as pessoas podem se sentir confusas e perdidas justamente pela diversidade de possibilidades.

Em outras palavras, o mundo da vida que leva em conta a tradição, os usos e costumes de um povo, dando-lhe um sentido na busca de soluções de problemas, e o surgimento de novas idéias cede cada vez mais espaços a uma ordem sistêmica, a qual exige um controle severo sobre as pessoas, interferindo através de estratégias e imposições na sociedade e buscando sua rápida adaptação aos modelos econômicos vigentes, sistemas de governo, competências profissionais e tecnologia.

A história da migração atravessou esse período, de uma era de certezas e maior conformismo para a atual. Ousamos dizer que o perfil do migrante foi sendo modificado e, hoje, ele chega a São Paulo com muito mais informações que antes, porém as dificuldades que encontra



são até maiores, diante da escassez de oportunidades ofertadas e adequadas às suas qualificações.

À medida que nos misturamos a outras pessoas, escrevemos mais um capítulo de nossa história, ao mesmo tempo em que temos uma ativa participação. Somos, portanto, o próprio personagem da história que criamos, assim como o próprio autor ou co-autor, já que todos aqueles que se relacionam conosco ajudam nesse processo de descoberta.

Assim podemos supor que as identidades são construídas mutuamente, ou seja, as pessoas participam da formação da nossa identidade social e, ao mesmo tempo, somos co-responsáveis pelas dos outros.

## RESULTADOS

O personagem de nossa história tem o codinome de José, um nordestino que migrou para São Paulo há 30 anos, vindo com 28 anos e já na profissão de violeiro.

A partir do relato de José, podemos refletir sobre o sentido daquilo que para ele faz parte de sua criação no ambiente familiar, assim como sobre sua adaptação na capital paulista e sobre a criação e o desenvolvimento de redes de relacionamentos; e como essas relações se estabeleceram nos locais vividos, no convívio com pessoas da vizinhança, em seu ambiente profissional junto ao CTN – Centro de Tradições Nordestinas e em programa em rádios nos finais de semana.

José procura comentar pouco sobre a família, afirmando que não mistura o lado pessoal com o profissional. Entretanto ele nos mostra um pouco de sua infância e a influência de seus pais em sua caminhada.

Quando José resolve falar da infância, a figura do pai está mais presente que a da mãe. Ele gozava, ao que tudo indica, de um certo privilégio, talvez por ser o mais velho dos irmãos. O incentivo à leitura de cordel parece ter sido o primeiro grande momento do artista José, que, a partir daí, desencadeia o gosto pela música.

José fala da família expressando certa mágoa, deixando transparecer que outros, estranhos, em relação a sua profissão, fazem parte de sua convivência e consideração familiar, até mais que os de seu próprio sangue. De um lado, a figura marcante do pai, que não queria vê-lo artista, embora tenha incentivado a leitura do filho desde o início; de outro, uma mãe ausente do discurso.

Quando veio para São Paulo pela primeira vez, conta que não pretendia se fixar na cidade.

Grande parte dos nordestinos, como visto nos capítulos precedentes, chegava, e continua chegando, a São Paulo com esperanças de um futuro melhor, sem no entanto a certeza da permanência. O contato com outros, migrantes ou não, pode facilitar e ajudar na decisão de permanecer, dando forças para iniciar uma caminhada. É freqüente a reunião dos recém-chegados em bairros próximos da periferia ou de cortiços, nem sempre legalizados.

José revela que, mesmo passando pelas dificuldades dos primeiros anos após sua chegada, o resultado final foi positivo, apresentando uma determinação que marcou sua vida em nossa região. Coloca, com uma certa ironia, um senão, que é o de que o chamassem de baiano, mesmo ele sendo paraibano. Isso o agradaria muito. Para Ciampa (1999), quando ocorre de trocarmos o nome de alguém, causamos na outra pessoa um certo desconforto, e esta geralmente se sente ofendida, e por isso é um sinal de amizade e respeito não esquecer ou confundir os nomes daqueles mais próximos. Entretanto, para José, surte efeito o contrário – ser chamado de baiano era uma referência que o diferenciava e através da qual se sentia reconhecido.

Mesmo em terra estranha, no começo José já dava mostras de que mudanças seriam necessárias a fim de uma adaptação que o levasse a vencer por aqui.

José mostra a flexibilidade necessária para abrir mão de certos procedimentos culturais a fim de dar impulso à sua carreira. Embora no início tenha resistido, a mudança marca um novo estilo em seu personagem.

José mantém contato com pessoas de sua região, na Paraíba, através de programas de rádio daquele Estado, sendo elas: Rádio Serrana de Araruna, no leste da Paraíba, no agreste; Rádio Integração do Brejo, em Bananeiras, Zona da Mata e litoral; e Rádio Cidade do Sumé, região do Cariri, na serra e no sertão.

A maneira como José demonstra uma adaptabilidade tranqüila em São Paulo mostra que utilizou estratégias, a partir de histórias contadas por aqueles que ele conhecia em sua terra e que já haviam visitado Estados do Sudeste. Além disso, acredita que o fato de ser mais velho e ter uma experiência de vida profissional lhe tenha favorecido desenvolver, gradativamente, vínculos afetivos, ampliando sua roda de amigos.

Esta facilidade de José em conquistar amigos, ampliando sua rede de relacionamentos, talvez tenha propiciado condições favoráveis a uma fácil adaptação, fazendo brotar sementes em novos contatos sociais, influenciando em comportamentos, ao mesmo tempo em que também foi alvo de influências.

José, então com 28 anos, portanto não tão jovem em relação à idade com que os nordestinos emigram para São Paulo, resolveu que era hora de deixar suas raízes, ao menos para se dar a oportunidade de tentar uma chance no festival, mesmo sabendo que muitos artistas famosos estariam presentes, o que significava, portanto, forte concorrência.

José esteve presente nos movimentos que ajudavam a elevar o conhecimento do paulistano em relação às coisas do Nordeste, notadamente a música.

Quanto às características da manifestação do estilo do repente, José mostra seu desejo latente de manter a tradição, mas parece demonstrar certa mágoa em razão de outros ritmos, surgidos mais recentemente, terem ultrapassado o repente, em termos de preferência no gosto popular, e, por isso, afirma com veemência não poder mudar ou reinventar seu ritmo escolhido.

José entendia que existia discriminação ao ser chamado de “Baiano”, entretanto, dizia não se importar, só no começo. Com o passar dos

anos, foi se tornando conhecido, e o sucesso e o reconhecimento por parte do povo e da gravadora, ao que parece, foram moldando essa identificação, tanto que, no auge de sua carreira, “Baiano” passou a ser uma marca positiva. Com o declínio da carreira, pela concorrência de outros ritmos ou modificações havidas, incluindo novos instrumentos musicais que tornavam diferente a forma original da música nordestina, José, ao deixar de acompanhar essa tendência, também foi sendo esquecido e essa marca desapareceu. Hoje, diz sentir falta de ser chamado de “Baiano”. O fato de ter obtido relativo sucesso em sua carreira pode ter contribuído para que José relevasse para um plano menos importante o estigma contido no apelido de “Baiano”, porquanto isso o diferenciava e o destacava perante outros nordestinos.

A presença de artistas consagrados parece ter influenciado na mudança de visão e na percepção geral referente às possibilidades profissionais, deixando-o mais à vontade, como se estivesse em sua terra.

A descrença das coisas do Sudeste, de antes, dá lugar à adaptação no presente, com requintes de preconceitos, jogados desta vez, para o estrangeiro.

Referindo-se a outros países, José retrata sua visão negativa, da mesma forma como o fez quando não conhecia São Paulo. Parece ser mais fácil para ele desacreditar primeiro, para depois descobrir por si. O desconhecido o assusta ou excita.

O senso de oportunidade revela tê-lo mobilizado para agarrar-se a São Paulo, num momento favorável em que mesmo trabalhando muito, como diz, angariava prestígio e prazer no que fazia.

Assim, José procurou investir maciçamente na carreira, trabalhando com afinco, determinado a alcançar sucesso.

Os artistas, em geral, eram movidos pelo entusiasmo e, de certa forma, tinha-se a expectativa de ver as coisas melhorarem, porém o retorno financeiro era aquém das necessidades.

José demonstra que existia por parte dele,



uma determinação que ultrapassava outros interesses, já que conquistara um espaço fixo de trabalho.

Já com emprego regular, no CTN, José procurou diversificar e dimensionar sua carreira através de parcerias. Para isso o Centro de Tradições Nordestinas serviu como o espaço físico e psicológico necessário para o empreendimento.

José demonstra ter uma visão de oportunidades, esforçando-se em manter-se empregável em diferentes locais, e isso o auxilia na composição e diversificação de sua renda.

Surge outra vez um traço marcante do sujeito emblemático, já que além de ter um emprego regular, ter lançado CDs, apresenta outras competências que lhe permitem, além disso, manter contato freqüente com sua terra natal, através da mídia, gravando seus programas semanalmente em São Paulo para reprodução nas rádios citadas.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou compreender as razões de um nordestino permanecer em São Paulo. Para alcançar tal compreensão, procurou-se diferentes caminhos, um dos quais a literatura, em que pesquisadores com preocupações semelhantes se lançaram sobre temas relacionados ao nordestino. Outro caminho foi o de conhecer de perto a vida desse migrante, radicado na cidade de São Paulo há 30 anos, que trocou sua terra natal no Estado da Paraíba e partiu para o Sudeste com sonhos, dúvidas, esperança e desconfiança, já que, para ele, São Paulo era o mundo desconhecido, temido, mas cheio de oportunidades.

A história da migração é rica em detalhes daqueles migrantes que, por diferentes motivos, oriundos de lugares distantes, dentro e fora do Brasil, ajudaram a povoar nosso Estado e contribuíram decisivamente com seu suor para o engrandecimento local, deixando muitas vezes de receber a devida gratidão ou o reconhecimento social.

Para o nordestino, todo esse movimento migratório parece ter sido marcado por histórias de sacrifícios, sendo necessário deixar sua família e vir inicialmente sozinho, optando por ficar sem ver seus entes durante um tempo que não tinha como dimensionar, buscando criar novas possibilidades de sobrevivência para si e para a família, mudando seus referenciais para conseguir sua emancipação.

A pessoa escolhida para participar deste trabalho, José, é um artista na cidade grande, um cantador de viola, um sonhador que conquistou uma imagem de desbravador da música de raiz, e após 30 anos continua a cantar em nossa cidade.

Em busca de sua emancipação, José destacou-se em seu meio, passou a ser reconhecido em sua singularidade através de premiações e dos lançamentos de seus dois CDs.

Demonstrou facilidade em se articular no meio novo em que se instalou. Criou melhores condições de vida para si, para sua família de São Paulo, e todos os seus irmãos, pai e mãe que, após um tempo, também vieram com ele residir.

José continua lutando para que a música nordestina seja reconhecida, tal como ela foi criada em sua arte mais legítima e original, contra modismos que modificam e deformam sua beleza. Pela arte, José, o nordestino, tornou-se Sebastião Marinho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A SUDENE e o dragão. 2006. Disponível em: <[http://www.sfiec.org.br/cic/artigos/sudene\\_dragao.asp](http://www.sfiec.org.br/cic/artigos/sudene_dragao.asp)> Acesso em 28 ago. 2006
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O nordeste e a questão regional**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. CTN: um nordeste paulistano. **Travessia: Revista do Migrante**, São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano XII, n. 34, p. 39-42, maio-ago. 1999.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOSCO, Sérgio; JORDÃO NETTO, André. **Migrações: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.
- BRAGA, Rubia Crislaine Maura. **O lazer do migrante nordestino: pedaços da e a partir da metrópole de São Paulo**. 2000. 118 pg. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS DE SÃO PAULO - CEM. **O vaivém da sobrevivência**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; GODO, Wanderley (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 58-75.
- COELHO NETO, Agripino Souza. Significados e representações da irrigação no nordeste brasileiro. **Espaço Acadêmico**, Maringá: Universidade Estadual de Maringá, v. 5, n. 56, p. 22, jan. 2006.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- FUNDAÇÃO SISTEMA NACIONAL DE ANÁLISE DE DADOS - SEADE. **Pesquisa da atividade econômica paulista: PAEP 2005**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/paeponline2005>>. Acesso em: 10 set. 2006.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GONÇALVES, Alfredo José; MENEZES, Marilda Aparecida. **Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares: POF 2002-2003**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2002>>. Acesso em: 10 set. 2006.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Desigualdades, mudanças demográficas recentes e perfil epidemiológico como variáveis políticas de saúde: uma análise regional**. 2006. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/brasil:radiografiadasaude/campinas/unicamp/2006>>. Acesso em: 10 set. 2006.
- MARINELLI, Edson Bastos. **Um migrante nordestino em São Paulo: o violeiro que se apropriou da cidade**. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade São Marcos, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Antonio Alves. **Os nordestinos em São Paulo:** depoimentos. São Paulo: Paulinas, 1987.

PAIVA, Odair da Cruz. **Caminhos cruzados:** a migração para São Paulo e os dilemas da construção do Brasil moderno nos anos 1930/1950. 2000. 213 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

SILVA, Leonardo Dantas (org.). **Alguns documentos para a história da escravidão.** Recife: Massangana, 1988.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de. **Imagens do migrante nordestino em São Paulo. Travessia: Revista do Migrante,** São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, v. 6, n. 17, p. 19-20, set./dez.1993.

UMA NOVA ABORDAGEM PARA O NORDESTE. 2006. Disponível em: <[http://www.sfiac.org.br/artigos/competitividade/nova\\_abordagem\\_MaiaJunior.htm](http://www.sfiac.org.br/artigos/competitividade/nova_abordagem_MaiaJunior.htm)>. Acesso em: 25 set. 2006.

WEFFORT, Francisco Correa. **Nordestinos em São Paulo.** São Paulo: Cortez, 1988.